

# ABRAÇOS

**Bernadete Zagonel**

*(Publicado no Jornal Gazeta do Povo, Paraná, em 26/06/9)*

Às vezes fico lembrando de minha chegada para morar na França, e do processo de integração inicial por que passa o estrangeiro ao se mudar para um país estranho. Um dos primeiros esforços empreendidos é o da adaptação. É preciso ser aceito pela nova sociedade onde se está vivendo, e uma das maneiras é incorporando seus códigos e moldando-se a eles, em vários aspectos, inclusive no comportamento.

O francês é um povo bem mais formal do que o brasileiro, ganha de longe de nós curitibanos, já possuidores da fama de “fechados”. O espalhafatoso, lá, não se cria. Fala-se baixinho (segundo minha mãe, o francês nem fala, “resmungo”). As relações entre amigos e familiares são mais frias, os abraços são raros e pouco efusivos. Certa vez presenciei, por exemplo, o reencontro de um casal com sua filha a lhes esperar de volta de uma viagem de quase um mês: beijaram-se no rosto e se perguntaram do estado de cada um. Nem um abraço, nenhuma alteração de comportamento.

Normalmente as pessoas cumprimentam-se com um aperto de mão, e só aos bem íntimos dá-se beijinho. Muitas vezes, inclusive, uma das partes pergunta ao outro se podem se dar os beijinhos. E aí até exageram: dão quatro beijos. Mas a batidinha nas costas, tão cara aos nossos homens, nunca aparece, e abraços calorosos também não.

Num primeiro contato jamais se chama a pessoa de “você”, mas usa-se a fórmula polida e formal equivalente ao nosso “o senhor” ou “a senhora”, que não é usada apenas para se dirigir a pessoas mais velhas, mas a todo e qualquer cidadão com o qual não se tenha intimidade.

Com a convivência, a gente vai se acostumando a esses formalismos e tornando nossos gestos mais controlados e discretos. As demonstrações de alegria e de tristeza vão sendo contidas, o abraço no amigo começa a rarear.

E assim estava eu, bem adaptada ao jeito de ser dos franceses, quando vim ao Brasil visitar a família depois de ano e meio de ausência.

Qual não foi então minha surpresa, logo chegando no aeroporto, ao me deparar com tantos abraços me recepcionando, choradeiras de alegria pelo reencontro, a família toda emocionada esperando. No início, tive a impressão de nem mais saber retribuir aos apertos, meu corpo estava endurecido, condicionada a outros hábitos.

Mas como com o que é bom a gente se acostuma rapidamente, em pouco tempo eu estava novamente abraçadora, abraçando e beijando meus amigos com espontaneidade e calor.

Até que o dia da volta chegou, e junto com ele novamente os abraços e a choradeira no aeroporto, a tristeza da despedida mostrada sem pudores. Tudo normal.

Chegando à minha casa em Paris, quis logo rever a todos para contar as impressões da viagem ao meu país. Marcado o encontro com um de meus melhores amigos, cheguei toda animada, pronta para demonstrar minha alegria. No entanto fui mais uma vez surpreendida, agora do lado inverso. Quase não pude acreditar na maneira como ele veio me cumprimentar, acostumada estava novamente com os modos brasileiros. Estendeu a mão para o tradicional cumprimento e me deu os tais quatro beijinhos no rosto, dizendo calmamente:

- Oi, que bom lhe rever. Como foi de viagem?

Senti meu semblante se transformar. Que decepção! E que cansaço: era preciso começar tudo de novo.